



Juventude camponesa e uma nova proposta de convivência com o semiárido

Peasant youth and a new proposal of living with the semi-arid

PEDROSO, Juliana Dias (1); MELO, David Marx Antunes de (2).

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), julianad.p8@gmail.com ; (2) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), davidatunes@gmail.com

Tema Gerador: Juventudes e Agroecologia

Resumo:

O presente trabalho pretende descrever a experiência de dois jovens participantes da 24ª Edição da Escola de Formação da Juventude para a Convivência com o Semiárido realizado pelo Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), trazendo vários temas à reflexão sob a luz de um novo paradigma de “convivência com o semiárido”, em lugar da velha e obsoleta abordagem de “combate à seca”.

Palavras-Chave: convivência, semiárido, tecnologias sociais

Abstract

This work intends to describe the experience of two students of the the 24th Edition of the School of Formation for Youth for the Coexistence with Semi-Arid, conducted by the Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), bringing several subjects to reflection in the light of a new paradigm of “Living with the semi-arid”, instead of the old and obsolete approach to “combating drought”.

Keywords: Coexistence, semi-arid, social technologies

Contexto

Entre os anos de 1979 e 1983, uma grande estiagem atingiu o Nordeste brasileiro. Esse acontecimento meteorológico, desastroso para muitas famílias sertanejas, foi decisivo para a definição de um novo paradigma, que vem mudando a relação dessas famílias com seu território: o paradigma da convivência com o semiárido.

Pouco antes dessa grande estiagem, o bispo D. José Rodrigues havia chegado em Juazeiro, na Bahia, e se dedicara a denunciar a exploração sofrida pelo povo sertanejo e a organizar comunidades eclesiais de base. Atuando junto a camponeses, a abordagem do bispo, ao invés de focar nos pacotes tecnológicos difundidos na época pela Revolução Verde, buscava criar condições para a criação de animais (sobretudo caprinos) na região, com Fundos de Pastos que garantiam a alimentação animal em períodos de estiagem e o desenvolvimento de tecnologias de poços para captação e armazenamento da água. Essa nova abordagem garantiu que os agricultores dessa parte do sertão baiano sofressem menos os efeitos dessa grande seca, em comparação com habitantes de outras regiões semiáridas.



Começaram então a ser realizados no município encontros de formação para agricultores sobre clima, solo, pluviosidade, entre outros temas que permitiam aos agricultores uma compreensão mais aprofundada sobre as relações de causa e efeito na natureza. Assim, no final da década de 80, o acúmulo dessas primeiras experiências de convivência com o semiárido levou a fundação do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), com sede em Juazeiro. O IRPAA é uma organização social que luta junto aos camponeses para difundir esse novo paradigma, tornando-se referência em tecnologias sociais para famílias sertanejas.

Entendendo a importância do envolvimento efetivo da juventude camponesa nas atividades produtivas da família e da comunidade, todos os anos o Instituto realiza uma edição da Escola de Formação da Juventude para a Convivência com o Semiárido, com uma proposta de educação popular e contextualizada com atividades teóricas e práticas. O presente Relato de Experiências buscará descrever as experiências, vivências e impressões de dois participantes da edição de 2016 da Escola de Formação.

Descrição da experiência

Aconteceu no IRPAA – Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - dos dias 04 à 15 de julho, no centro de formação Dom José Rodrigues, em Juazeiro – BA, a 24ª edição da Escola de Formação da Juventude para a Convivência com o Semiárido, com o tema: “Semiárido vivo: nenhum direito a menos!”. O encontro contou com a presença de aproximadamente 50 jovens de vários estados do Nordeste, divididos em 4 grupos de trabalho, na intenção de torna-los multiplicadores da proposta de convivência com o semiárido em seus respectivos Estados/cidades/comunidades.

A metodologia do curso é baseada em uma pedagogia contextualizada, apoiada na teoria de Paulo Freire. Durante os 11 dias de curso, as atividades foram desenvolvidas em roda no salão da instituição ou ao ar livre, sob um pé de tamarindo e juazeiro, nos roçados ou ao redor dos poços, barreiros e cisternas. Durante as aulas teóricas, os educadores utilizaram painéis com desenhos e pinturas que facilitaram enormemente a compreensão dos temas.

O Instituto divide suas linhas de atuação em cinco eixos, dentro dos quais se organizam os conteúdos práticos e teóricos da formação, os quais:

1. Eixo terra:

Nesse eixo, os participantes do curso foram convidados a refletir sobre as formas de ocupação do território antes e depois da colonização e a pensar sobre como o histórico de formação do Estado brasileiro reflete na conjuntura agrária atual do país. Além



disso, aconteceram debates sobre cooperativismo e associativismo, sobre políticas públicas para a agricultura e sobre a realidade das comunidades tradicionais, em especial as comunidades de Fundo de Pasto, presentes no território do sertão baiano. No mesmo eixo, também foi discutida a formação e composição do solo.

2. Eixo clima e água

Aqui, foi feita uma abordagem sobre o clima semiárido, analisando mais a fundo os fatores meteorológicos que atuam na região. Discutiu-se a fundo todas as etapas do ciclo da água, além de questões relacionadas à segurança hídrica. Ocorreu uma trilha pelos diversos tipos de reservatório de água experimentados pelo instituto, analisando a fundo as desvantagens e vantagens de cada uma dessas tecnologias sociais. Questões de saneamento básico também entram nesse eixo.

3. Eixo produção

Aqui, se tratou a temática do manejo ecológico do solo para a produção agrícola, foram apresentadas técnicas de curva de nível e demonstrada a importância da matéria orgânica para a vida no solo. Focou-se muito na criação ecológica de caprinos e ovinos, por serem animais adaptados ao clima semiárido e a vegetação caatinga, e no aproveitamento e beneficiamento de espécies nativas da caatinga – como o umbu - para a geração de renda.

4. Eixo educação

Nesse eixo, os educandos foram convidados a refletir sobre o que é educação, como ela acontece e a quem ela serve. Foram apresentados aos conceitos de educação formal, informal e não formal, diretrizes e políticas educacionais. Na conclusão desse eixo, os jovens pensaram sobre qual modelo de educação a juventude do semiárido quer e precisa.

5. Eixo comunicação,

No eixo comunicação foi apresentado de forma crítica um histórico dos meios de comunicação no Brasil. Os jovens aprenderam sobre concessão e sobre a legislação que tange o tema. Refletiu-se sobre a importância e potencialidades dos meios de comunicação alternativos e o monopólio da mídia, que favorece a manipulação das informações e contribui para a desvalorização da identidade sertaneja ao criar estereótipos.

Também ocorreu uma visita de campo à Barragem de Sobradinho, que atualmente é o maior lago artificial das Américas, e, na época da sua construção, desterritorializou cerca de 70 mil pequenos/as agricultores/as, pescadores/as e criadores/as, os quais perderam suas terras e seu modo de vida. Os educandos conheceram também a escola Família Agrícola (EFA) de Sobradinho – BA e a EMBRAPA Semiárido. Durante o



período do curso, aconteceu uma marcha pela democracia e em resposta às ameaças e retrocessos dos direitos conquistados pelo povo do semiárido brasileiro, saindo de Petrolina – PE até Juazeiro – BA, da qual os educandos também participaram.

Análise

O curso oferecido pelo IRPAA provocou profundas reflexões em todos os participantes, que ao final do evento, firmaram o compromisso de socializar todo o conhecimento adquirido em seus respectivos grupos de atuação e comunidades.

Concluiu-se que a acentuação dos impactos das mudanças climáticas tem aumentado a frequência e a intensidade das secas no Semiárido, mas não podemos explicar ou justificar o processo de desertificação em curso simplesmente pelos fenômenos climáticos. O problema remete, na verdade, muito mais ao modelo vigente de exploração antrópica dos recursos naturais para fins produtivos (agropecuária, matriz energética, mineração etc.). Esse mesmo modelo legitimou a política da “assistência e do combate à seca” como sendo as saídas para o povo do semiárido, mas que, na verdade, agravou e naturalizou o problema dessas famílias.

Essa perspectiva requer uma mudança radical nas formas de interação entre o ser humano, a natureza e a agropecuária. O aparato tecnicista e reducionista da Revolução Verde tem demonstrado seus limites, tanto do ponto de vista climático (agravamento da seca), ecológico (avanço da desertificação e poluição dos recursos naturais por uso de agrotóxicos), social (êxodo rural da juventude e conflitos fundiários) e político-econômico (conflitos relativos aos usos múltiplos dos recursos hídricos entre abastecimento humano, irrigação, carnicultura, mineradoras e termelétricas).

A sobrevivência da agricultura não poderá ser assegurada por um período de tempo muito grande se forem mantidos os mesmos níveis de consumo de recursos naturais não renováveis, o uso crescente de agrotóxicos que contaminam o meio ambiente, a redução brutal da biodiversidade natural e a exclusão social de um enorme contingente de famílias de camponeses.

Sistemas de produção voltados para tecnologias e práticas de manejo que diversificam os sistemas com atividades que se complementam e permitem a formação de estoques (água, forragem, alimentos e sementes), alcançando maiores níveis de autonomia e, conseqüentemente, são mais resilientes na perspectiva da convivência com o Semiárido.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



A Convivência com o Semiárido, é um modo de vida e produção que respeita os saberes e a cultura local, utilizando tecnologias e procedimentos apropriados ao contexto ambiental e climático, constrói processos de vivência na diversidade e harmonia entre as comunidades, seus membros e o ambiente, possibilitando assim, qualidade de vida e permanência na terra, apesar das variações climáticas. Nesse sentido, a discussão de questões de gênero também é de extrema importância, uma vez que a mulher sertaneja é comumente submetida a vários tipos de violência. Portanto, idealizar um semiárido vivo e inclusivo passa também pela ressignificação dos papéis de gêneros e empoderamento da mulher camponesa.

É fundamental, também, a inclusão da juventude nessa proposta de um novo paradigma, que foi fundamentado pela geração passada, mas que será consolidado nas presentes e futuras gerações. Portanto, é necessário seu envolvimento na implementação e prática de políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida, sendo primordial a associação de todas as questões apresentadas aqui a profundas reflexões políticas. Nesse sentido, o curso do IRPAA cumpre uma importante função socioambiental e reflete na prática em mudanças de paradigmas em dezenas de comunidades e organizações sociais as quais esses jovens são ligados.

Referências

IRPAA. (2001), A Roça no Sertão: Convivência com o Semi-árido. 4ª edição. Juazeiro, IRPAA/ DKA ÁUSTRIA/ CRS/ MISEREOR.